



O ambiente construído dos engenhos no município de Areia (PB): um estudo para o agroturismo

Mill construction environment at Areia (PB): a agritourism study

El ambiente construido de los ingenios en el municipio de Areia (PB): un estudio para el agroturismo

Morgana Targino Rojas <morgana_targino@yahoo.com.br >

Mestre em Engenharia Agrícola, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, PB, Brasil.

Mabel Simone Guardia <mabelsimone@yahoo.com.br >

Professora do curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

José Wallace Nascimento <wallace@deag.ufcg.edu.br >

Professor Associado III da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, PB, Brasil.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 27-mai-2012

Aceite: 13-mar-2014

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

ROJAS,M; GUARDIA, M; NASCIMENTO, J. O ambiente construído dos engenhos no município de Areia-PB: um estudo para o agroturismo. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 14 n. 1., p.1-18, abr. 2014.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: Face às transformações verificadas nas atividades agrárias e ao abandono e degradação das construções rurais, considerando-se a grande perspectiva de desenvolvimento do agroturismo, e diante da necessidade iminente de adequação destas construções, o trabalho objetivou identificar, caracterizar e analisar as edificações de engenhos no ambiente rural do município de Areia, Paraíba, diagnosticando a situação atual das edificações de produção de rapadura e cachaça diante das necessidades de adaptabilidade das atividades agroindustriais, conforme as exigências das legislações. A pesquisa desenvolvida é exploratória descritiva e avaliativa, foi utilizada como técnica padronizada de coleta de dados a observação sistemática, nas visitas aos engenhos. Observou-se que a maioria das edificações apresenta sistemas construtivos primitivos, de estilo arquitetônico predominantemente colonial. Diante das adaptações realizadas constatou-se que ocorre descaracterização do estilo, o que pode interferir na potencialidade turística da região.

Palavras-chave: Agroturismo; Edificações; Construções Rurais; Paraíba-PB.

Abstract: Given the transformations seen in agrarian activities and the abandonment and degradation of rural buildings, taking into account the development of agritourism from a broader perspective and with the imminent need for making these buildings more adequate, the purpose of this study was to identify, characterize and analyze the sugar mills in the rural setting of the town of Areia-Paraíba. A diagnosis was made of the current condition of the buildings used in the production of molasses and cachaça for their adaptability to the needs of agro-industrial activities, according to legal requirements. The research developed is descriptive, evaluative and exploratory and used the standard technique for data collection and systematic observation during visits to the plantations. It was observed that a majority of the buildings have primitive construction systems of predominantly colonial architectural style. From the modifications made on them it can be seen that there has been a mischaracterization of style, which could interfere with the tourism potential of the region.

Keywords: Agritourism; Buildings; Rural Buildings; Paraíba-PB.

Resumen: Las grandes transformaciones que ocurrieron en las actividades agrícolas además del abandono y de la degradación de las construcciones rurales. Llevando en consideración la gran perspectiva de desarrollo del agroturismo y de la urgente necesidad de adecuar las construcciones rurales. Este trabajo tiene como objetivo identificar, mostrar las características y analizar las edificaciones de ingenios en el ambiente rural del municipio de Areia - Paraíba, por medio de un diagnóstico actualizado de las edificaciones de producción de rapadura y cachaça, además de las necesidades de adaptación de las actividades agroindustriales conforme las exigencias de la legislación. Esta investigación es de carácter exploratorio descriptiva y evaluativa, fue usada como técnica la estandarización de colecta de los datos y la observación sistemática, en las visitas a los ingenios. Se observó que la mayor parte de las edificaciones presenta sistemas constructivos simples y primitivos con predominante estilo arquitectónico colonial. Después de las adaptaciones realizadas fue constatado que ocurrió una descaracterización del estilo arquitectónico lo que podrá interferir en la potencialidad turística de la región.

Palavras clave: Agroturismo; Edificaciones; Construcciones Rurales; Paraíba- PB.

Introdução

A abordagem sistêmica da arquitetura rural a partir de complexos produtivos permite a caracterização de tipologias arquitetônicas rurais, sendo estas por períodos e sub-regiões que, de acordo com Argollo (2003) delimitam-se histórica e geograficamente. Por exemplo: a arquitetura da produção cafeeira em São Paulo no início do século XX é diferente da que se pratica contemporaneamente (início do século XXI) ou da arquitetura cafeeira na porção paulista do Vale do Paraíba em meados do século XIX. Pode-se falar em arquitetura da produção sucroalcooleira, arquitetura da laranja, arquitetura da pecuária de leite, e assim por diante.

Almeida (1994) afirma que as sociedades em desenvolvimento, em geral, têm comportamentos tolerantes em relação à destruição do seu patrimônio cultural e nem sempre conseguem vislumbrar que a adaptação e a interação com o meio dão lugar a um complexo cultural criativo, testemunhando o processo da evolução histórica, ou seja, precisa ser conservado.

De acordo com Lussy (1993), uma unidade rural, como uma fazenda ou sítio, além de ser um local de produção agropecuária, costuma ser o local de moradia de muitos funcionários e do proprietário rural, testemunhas existenciais de uma arquitetura rural pautada pela funcionalidade, estética, baixo custo e técnicas simples.

São conhecidas como casas de fazendas, mas na realidade são casas de engenhos. Esse período deixou à arquitetura brasileira, preciosos exemplares de construções civis rurais, assim como as fazendas históricas representativas do legado dos “barões de café”, como eram conhecidos. Essas construções, comumente erguidas em pau-a-pique, representam um projeto arquitetônico que responde às necessidades da produção agrícola, agregadas às necessidades de moradia. Dessa forma, o olhar perscrutador sobre os elementos componentes dos prédios e as soluções para a manutenção da produtividade pode identificar como vivia e produzia a sociedade brasileira naquele momento histórico. Conceitos como conforto e eficiência são desvendados ao se observar a disposição dos elementos característicos desses edifícios: a casa-sede, a senzala, o terreiro e o engenho.

O presente estudo objetiva identificar, caracterizar e analisar as construções existentes no ambiente rural do município de Areia-PB, diagnosticando a situação das edificações e a necessidade de adaptabilidade das atividades agroindustriais.

Areia possui um conjunto histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2005. A microrregião conta com a existência de engenhos produtivos participantes de programas de investimentos e qualificação para recepção do turismo, para tal implica dizer que as propriedades possuem estrutura arquitetônica, com valor histórico assim como cultural.

Faz-se relevante a pesquisa no que se refere à contribuição social, pois se propõe estudar o ambiente rural, sendo o contato do homem com o campo uma necessidade presente na vida atual. A finalidade do estudo se detém em conhecer as construções rurais em áreas propícias ao acolhimento para o turismo, além de buscar colaborar tanto na ampliação da produção acadêmica quanto da temática, levantando ainda a necessidade de estudar mais especificamente a prática do turismo como um incremento para as propriedades rurais;

Barbosa (2010) afirma que, após longo percurso teórico e literário sobre obras que abordam a cana-de-açúcar nos contornos econômicos, sociais e outros, descobriu que os engenhos descritos por José Lins do Rego, naquilo que ele chamou de ciclo da cana-de-açúcar, existem, ainda que modificados, ressignificados e até carentes de investigação e enfoque reflexivo. Com base na observação do autor se justifica a união do turismo em tal ambiente e sua discussão acadêmica.

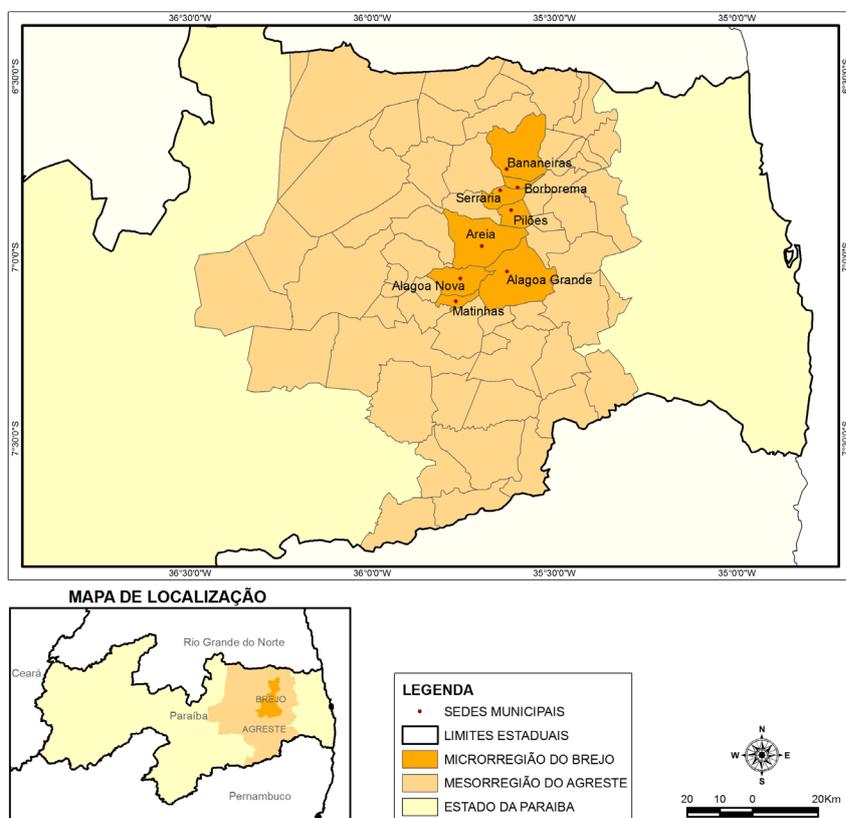
A agroindústria e sua produção

Segundo MIA (1999), agroindústria é a atividade econômica de industrialização ou beneficiamento de produtos agropecuários, com a característica primordial de conservar e transformar as matérias-primas, bem como extrair e enriquecer ou concentrar os componentes que lhe agregam valores e que dentre elas destacam-se a agroindústria alimentar.

Simonsen (1937) já observara que o ciclo da cana-de-açúcar, na história econômica do Brasil, foi marcado por São Vicente, onde foi instalado um engenho pioneiro em 1532. O cultivo sistemático da cana-de-açúcar no Brasil foi fator determinante para o estabelecimento da colônia, tornou-se o principal produto de comércio na Europa e gerou uma renda superior à de todas as outras atividades, implantando-se uma ordem social e territorial no País.

A cana-de-açúcar, que foi a principal riqueza da Paraíba, com seus engenhos, veio do Cabo Verde e foi plantada inicialmente na capitania de Ilhéus. Segundo Almeida (1980), o município de Areia, lócus desta pesquisa, tinha excelente aparelhagem para manter o alto nível de comércio algodoeiro. Entretanto, pouco a pouco, a cana-de-açúcar foi substituindo o lugar do algodão. A cana-de-açúcar foi introduzida na província da Paraíba nos anos de 1630, a partir de meados do século XIX, esta cultura passou a ser a mais explorada da microrregião do Brejo Paraibano, destacada no Mapa 1.

Mapa 1. Microrregião do brejo paraibano



Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O Brasil é um dos principais produtores de cana-de-açúcar do mundo. Seus produtos são largamente utilizados na produção de açúcar, álcool combustível e, mais recentemente, pelo biodiesel.

No início de suas atividades, os engenhos fabricavam somente açúcar, mas como a rapadura passou a ser artigo mais vendável e de tratamento menos demorado no processo de fabricação, na Paraíba, grande parte dos senhores de engenho deu preferência a esse tipo de produção.

Outro produto derivado da produção da cana-de-açúcar, a, aguardente de cana, ou cachaça destilado feito à base de cana-de-açúcar, leveduras e água, pode ser produzida de duas formas distintas: a artesanal e a industrial. Oliveira Sobrinho (1986), diz que os portugueses deram às fábricas de açúcar o nome de “INGENIA”, porque esses estabelecimentos, com sua engrenagem, davam testemunho do “INGENIUM” do seu inventor, constituindo incontestavelmente uma das mais valorizadas invenções do passado.

O engenho, também considerado agroindústria, está situado na zona canavieira e é destinado à moagem da cana para o fabrico de açúcar, aguardente e rapadura. É classificado segundo sua força motriz, em engenho de água, de boi, bangüê, cavalo e a vapor, funcionando com mecanismos auxiliados pela força da água, do boi ou cavalo aproveitando a energia cinética da movimentação permitindo a moagem da cana-de-açúcar.

Para Carvalho (2005), do ponto de vista arquitetônico, os conjuntos edificados dessas fazendas eram complexos por envolverem quatro programas/edificações básicos: a casa-grande, a senzala, a capela e a casa de engenho propriamente dita (fábrica ou moita), cujo uso variava de acordo com a necessidade da época, podendo se fundir ou se subdividir em edificações complementares, como currais, oficinas e depósitos. Apesar de não serem raros os casos em que duas ou mais funções se desenvolviam em um mesmo prédio, geralmente cada edificação correspondia a uma função, especialmente nos Estados da Paraíba e Pernambuco.

Segundo Oliveira Sobrinho (1986), na Paraíba, na segunda metade do século XIX, alguns proprietários mais ricos e empreendedores melhoraram suas condições técnicas de beneficiamento da cana-de-açúcar, implantando modernos engenhos de açúcar, que seriam chamados de engenhos centrais e usinas.

Os engenhos centrais não tinham diferença, do ponto de vista técnico, das usinas, mas do ponto de vista econômico, geralmente pertenciam a uma sociedade, não possuíam terras e não desenvolviam atividades agrícolas.

De acordo com Oliveira Sobrinho (1986) a partir de 1871 houve uma mudança gradual na agroindústria açucareira com a decadência dos antigos engenhos bangüês (que produziam um açúcar de cor escura, mascavo) e sua substituição pelos engenhos centrais e usinas. Foram poucos os engenhos bangüês que conseguiram sobreviver até a segunda metade do século XX, alguns engenhos da microrregião do Brejo independente da produção passaram a explorar o turismo como forma de incremento de renda.

Agroturismo e turismo rural: uma abordagem histórica

A evolução do turismo deu-se substancialmente a partir da segunda metade do século XX, tendo em vista que recebeu o suporte da tecnologia atrelada a uma combinação de acesso a mobilidade, renda e crédito possibilitando uma das maiores taxas de crescimento no mundo dos negócios (FERNANDES e COELHO, 2002; MACHADO, 2013).

O turismo rural é um segmento da atividade turística em que o termo agroturismo é usado para designar a atividade turística que ocorre no interior de propriedades agropecuárias produtivas. O turista muitas vezes se hospeda e participa dos trabalhos realizados na propriedade rural (FERNANDES e COELHO, 2002).

Krippendorf (1989) diz que a motivação mais difundida das viagens é o desejo de fuga da realidade cotidiana, ou seja, a quebra da rotina, particularmente a vivenciada no espaço urbano. Sob a forma de um programa de contrastes em relação ao mundo industrial, o tempo livre também se tornou uma indústria. Mas, neste caso, mobilizou a economia do setor primário e secundário presentes na sociedade industrial para o terciário, na forma de prestação de serviços. As especificidades que envolvem a produção e a distribuição de serviços e produtos de natureza turística remetem os estudiosos à busca de elementos analíticos da cadeia produtiva, na medida em que incorpora segmentos dos setores primários, secundários e terciários da economia, de forma simultânea, a prática do turismo rural envolve a atividade no setor primário já na indústria é a prática do agroturismo.

A atividade de turismo rural surge na Europa, após a II Guerra Mundial, onde o intuito era de agregar receita extra às propriedades rurais e propiciar a sustentabilidade do campo através da fixação e manutenção das famílias no ambiente rural. Candioto (2010) afirma que é em virtude do desenvolvimento econômico pautado na industrialização e nas conquistas trabalhistas a partir do fim da Segunda Guerra Mundial que ocorre a expansão do turismo rural na Europa, passando a ser uma atividade economicamente promissora e incentivada.

No Brasil, o turismo rural teve seu início na década de 1980, na cidade de Lajes, Santa Catarina, onde foi fundada a Associação Brasileira do Turismo Rural (ABRATUR). Rodrigues (1999) sugeriu uma sistematização e classificação para definir turismo rural, sempre considerando alguns pontos essenciais, como: processo histórico da ocupação territorial; estrutura fundiária; características paisagísticas; estrutura agrária, com destaque para as relações de trabalho desenvolvidas; atividades econômicas atuais; características da demanda e tipos de empreendimentos.

Para Graziano da Silva et al (1998), agroturismo compreende as atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, que continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade em menor ou maior intensidade. Devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços e bens não materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.) a partir do “tempo livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão de obra externa.

Diante disso, Candioto (2010) afirma que toda a oferta de agroturismo poderia ser classificada como turismo rural, porém nem toda a oferta de turismo rural pressupõe a existência do agroturismo.

O meio rural rico por seu patrimônio e sua cultura, caracteriza-se pela abundância de recursos naturais suscetíveis de atrair pessoas que buscam lazer, descanso e recuperação física e mental.

Como atividade econômica, a categoria de turismo rural ou agroturismo parece ser uma via natural para o progresso de zonas rurais, pois permite uma diversificação das atividades agrícolas, o desenvolvimento de novos serviços e a valorização de suas produções.

Ao se transformar o espaço ocupado pelo bem patrimonial num espaço também recreacional e de vivência cultural não só para os turistas, mas especialmente para os habitantes locais, torna-se possível o processo de restauração e revitalização não apenas com o objetivo de “vender” o patrimônio, mas de conservar um monumento, pretendendo fortalecer a memória e a identidade dos indivíduos que convivem com aquele bem, de modo que ele seja reinserido na vivência cultural local, como afirma Oliveira (2002).

No Brasil, dos núcleos rurais determinados historicamente, destacam-se em especial os que correspondem aos fatores econômicos do “ciclo do açúcar”. A atividade arquitetônica se distribuía, sem muitas variações, numa tríade formada por: casa-grande, senzala e engenho, constando, ainda, alguns exemplares, de uma capela. (TELLES et al, 1975).

Nesse sentido, torna-se necessária uma atitude diferenciada em relação aos engenhos, pois alguns estudos apontam no sentido de que não basta o investimento de vultosas quantias por parte da iniciativa privada ou do poder público, no restauro arquitetônico do bem patrimonial. Como menciona Simão (2001), é preciso haver, principalmente, investimento no aspecto social e histórico, ou seja, no restabelecimento de uma identidade local que tenha laços com aquele monumento. Primeiramente, há que se realizar um trabalho de promoção interna, almejando o resgate do orgulho pelo lugar. Não se pode pensar em potencializar um turismo em local, descrente de si mesmo, que não tem orgulho pelo que tem e pelo que é.

Breve caracterização da Paraíba e do município de Areia

Segundo Almeida (1945), a história da Paraíba tem sido contada a partir de sua fundação em 1585, mas na verdade vem desde 1501, quando da primeira expedição para reconhecimento de sua costa, ancorou na baía de Acejutibiró, originário de Acajutebiró, que quer dizer caju azedo, o primitivo nome da Baía da Traição.

No início do período colonial as invasões francesas chegaram a instituir um processo de povoamento que contava com a confiança das populações nativas da região. Com a retomada de interesse de colonização por parte dos portugueses, estes empreenderam batalhas até a expulsão dos franceses, esbarrando na resistência indígena fiel aos franceses. O Estado ainda enfrentou, a partir do século XVII, a invasão dos holandeses, que procuravam consolidar seus domínios territoriais vinculados à produção de cana-de-açúcar. Os holandeses foram expulsos do território pelas forças portuguesas em 1654.

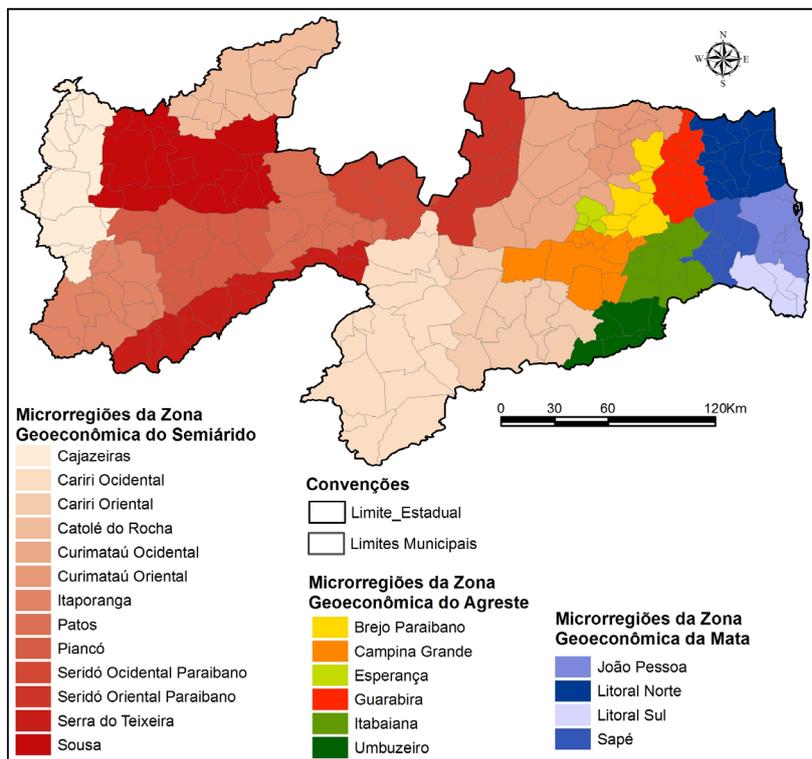
A Paraíba foi ocupada e explorada em nome do açúcar, onde a vida de toda uma população esteve, durante três séculos, direta ou indiretamente ligada ao universo da produção açucareira (ALMEIDA, 1945).

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Estado da Paraíba, os principais espaços econômicos foram agregados em três zonas geoeconômicas que são a Zona da Mata, Zona Agreste e a Zona Semiárida que por sua vez é a mais extensa, representando 76,9% da área do Estado, como é possível observar no Mapa 2.

O município de Areia existe oficialmente desde 30 de agosto de 1818, tendo sua emancipação política ocorrido em 18 de maio de 1846. Areia foi a primeira cidade do Brasil a libertar seus escravos, em 03 de maio de 1888, antes mesmo da Lei Áurea, embora os negros fizessem parte da estrutura econômica da região, já que a agricultura do município era basicamente voltada para a produção dos derivados de cana-de-açúcar, Almeida (1980).

Com 23.829 mil habitantes, e área da unidade territorial, 269 km² (IBGE, 2010), é uma pacata cidade do interior e a primeira cidade paraibana tombada como patrimônio histórico nacional, possui o primeiro campus universitário de todo o interior do Nordeste – Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, antiga Escola de Agronomia do Nordeste.

Mapa 2. Zonas geoeconômicas do Estado da Paraíba



Fonte: pesquisa de campo, 2010

Areia já foi o maior município do Brejo Paraibano, vindo a assumir expressão econômica durante o século XVIII, através da cultura do algodão. Participou efetivamente de vários episódios revolucionários, como a revolta dos Quebra-Quilos, quando a comunidade manifesta contra a adoção de balanças nas feiras livres. Possui, na zona rural, mais de 20 engenhos de cana-de-açúcar que fabricam aguardente-de-cana, mel, rapadura e açúcar mascavo.

Na segunda metade do século XIX, a região se fortaleceu com o incremento da agroindústria açucareira, através da multiplicação dos engenhos de açúcar e rapadura como pequenas unidades produtoras que chegaram a marcar a vocação econômica da região (ALMEIDA, 1994).

A cana-de-açúcar que tem sido a cultura intermitente, nunca foi totalmente abandonada, assim, vem sobrevivendo aos vários ciclos econômicos, cuja ordem foi: algodão, cana-de-açúcar, café, agave e, por fim, a pecuária.

Em meados do século XIX, a cultura do algodão - primeira grande cultura do município de Areia - era bastante compensadora, porém, com grandes inconvenientes devido às chuvas excessivas, à friagem e às pragas, foi perdendo espaço para a cana-de-açúcar, que passou a ocupar primeiro lugar na ordem da produção agrícola. (ALMEIDA, 1980). O café também teve sua ascensão e seu declínio, devido à praga do vermelho, atingindo a economia do município.

Ainda segundo Almeida (1980), por volta de 1920 surge uma nova cultura, a do agave, que impulsionou outra vez os ânimos da agricultura, mas por volta de 1940 esta lavoura entrou em crise e decadência.

Novamente os engenhos de rapadura voltaram a produzir, mas com uma conspiração muito séria contra esta atividade agroindustrial, o êxodo rural, alimentado pelo sonho da cidade grande com

perspectivas de uma nova vida. Os terrenos acidentados do brejo não permitem a mecanização da lavoura, de modo a amenizar a falta de mão de obra, situação esta que impulsionou o surgimento de outra atividade, a agropecuária nas terras dos engenhos. O Quadro 1 apresenta os engenhos que foram objeto de estudo.

Quadro 1. Engenhos objeto de estudo

Engenho	Descrição da propriedade
Engenho Bujari	Uma unidade produtora de rapadura e cachaça, contemplando um ambiente construído, caracterizado pelo estilo colonial, marcado por um baixo nível tecnológico, utiliza com produção manual de rapadura e açúcar.
Engenho Vaca Brava de Baixo	Localiza-se entre serras e está distante 6.900 metros da rodovia PB-079, possui fontes permanentes de água cristalina, a Mata Atlântica e rica flora. Seu ambiente construído enquadra-se no estilo colonial ou neocolonial, e foi ganhando novos elementos de arquitetura e de ornamentação, que veio com o art déco.
Engenho Vaca Brava de Cima	Tradicional engenho da região, com mais de 200 anos, tem como característica o aspecto de que não sofreu a influência do tempo. Encontra-se na zona rural, distante aproximadamente 4.000 metros da rodovia PB-079. Apresenta atributos originais do estilo colonial, com a casa-grande construída em nível mais alto, logo abaixo o engenho e os armazéns, condizentes com a implantação dos exemplares da época. Produtor de cachaça, com moenda elétrica e com dorna em madeira de carvalho para fermentação.
Engenho Mineiro	Datando do século XIX não se sabe ao certo o ano de sua fundação tem marcas do tempo, traços da época da economia aristocrata rural. No que se refere à implantação do conjunto edificado e à relação com a paisagem, é possível perceber algumas variações: enquanto muitos engenhos ficam bem no meio das encostas, sobre pequenas elevações, ou mesmo no plano, este fica no alto da encosta que delimita a várzea. O engenho passou pelos diversos ciclos econômicos da região, mantendo elementos construtivos característicos de cada momento.
Engenho Bela Vista	Fundado em 2003, localiza-se no limite das cidades de Areia e Pilões. Mesmo sendo um engenho jovem, em comparação com outros da região, mantém a imponência peculiar dos engenhos de cana-de-açúcar da região. Possui características coloniais, porém de processo construtivo moderno e instalações projetadas de forma a possibilitar um fluxo ordenado e compatível com todas as operações, com separação por meio físico, entre as diferentes atividades.
Engenho da Várzea	Construído em 1870 na antiga propriedade rural da Várzea, pertencente à Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus II, onde funciona como Museu da Rapadura do Centro de Ciências Agrárias. Até 1933, época da desapropriação pelo Governo do Estado para a instalação da Escola de Agronomia do Nordeste, a propriedade tinha apenas um engenho rústico, coberto de palha. Em 1978, após serem alteradas devido ao seu uso pela Escola de Agronomia, as edificações foram totalmente restauradas - o engenho e a casa-grande típica da região do Brejo, simples e despojada, graças ao depoimento de pessoas que viveram àquela época, resgatando assim traços e características do tempo. O museu apresenta todo o processo arcaico de que se constituía a fabricação dos derivados da cana-de-açúcar, O prédio do engenho propriamente dito segue as características da arquitetura fabril da segunda metade do século XIX, época em que a produção dos derivados da cana-de-açúcar se ampliava, em consequência da expansão do algodão pelo sertão.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

A trajetória tumultuada foi causada pela alternância das atividades produtivas praticadas na região, e teve repercussão na vida sociocultural e política do Estado, destacando-se sua importância no processo de organização do espaço rural e na expressão cultural das alternativas econômicas experimentadas pelo município de Areia, dentro do contexto histórico em que está inserido.

Procedimentos metodológicos

A investigação desenvolvida é uma pesquisa exploratória descritiva e avaliativa, pois tendo em vista que os engenhos têm sido apenas recentemente objeto de estudo, como é possível constatar na pesquisa de Guardia, Alves e Furtado (2012) a temática ainda necessita de estudos e investigações de diferentes interesses. Neste caso, a pesquisa exploratória é adequada quando se deseja permitir uma visão geral sobre o fenômeno com o intuito de aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente para estudos futuros mais precisos.

Foram utilizadas técnicas padronizadas de coleta de dados, como a observação sistemática, nas visitas aos engenhos sendo estas propriedades produtivas ou não, foram feitos registros fotográficos, entrevista com os proprietários e anotações sobre a rotina e adequações do espaço para atendimento das exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Neste caso, os resultados também são expressos em narrativas e ilustrados com declarações de entrevistados.

Almeida (1989) considera o estudo avaliativo como sendo analítico e indicado, quando se procura responder “como” e “por que” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre eventos estudados e quando o foco de interesse incide sobre fenômenos, que somente poderão ser analisados dentro de algum contexto da vida real.

Como amostra foram selecionados seis engenhos, exemplares testemunhos da memória de uma trajetória socioeconômica de uma sociedade, todos situados na zona rural do município de Areia, próximos do núcleo mais habitado que é a sede municipal, com meios de comunicação mais acessíveis, assim oferecendo maior possibilidade de levantamento e análise. As descrições, sobre os estabelecimentos, são parte das entrevistas com proprietários e/ou gestores.

Para coleta do material necessário, inicialmente procedeu-se a uma pesquisa histórica da documentação existente pertinente ao tema escolhido – por meio de livros, periódicos, artigos e textos. Porém, para obter os dados bibliográficos referentes ao assunto da área em estudo, encontrou-se uma série de dificuldades, entre elas, um limitado número de estudos publicados; as demais informações foram obtidas em órgãos de pesquisa ligados ao Governo do Estado, estatísticas oficiais (IBGE) e informações de pessoas ligadas ao setor, assim como o levantamento das informações produzidas, a saber:

- Mapeamento da situação político-econômica e cultural do Brejo, mais precisamente da área a ser estudada;
- Estudos das legislações do Ministério da Agricultura e Vigilância Sanitária referentes à produção de cachaça e rapadura;
- Consulta à legislação relativa ao turismo rural e ao ecoturismo no Brasil e, em especial, na Paraíba.

Com as informações reunidas, foi realizado um diagnóstico preliminar da área geográfica proposta, em termos de potencialidades histórico-arquitetônicas para desenvolvimento do estudo.

Na etapa seguinte deu-se início às visitas aos engenhos e seu entorno, com vistas ao reconhecimento das tipologias das construções do espaço rural abordado, segundo critérios de:

- Traços e identidades culturais da área física e da população e a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico locais;
- Questões relacionadas ao planejamento local e uso do solo;
- Questões relacionadas aos projetos das edificações;
- Recursos energéticos e serviços de infraestrutura;
- Questões ligadas ao tratamento de resíduos.

Com a documentação e as informações reunidas, foi organizado um banco de dados, segundo os tipos de informações colhidas.

As análises sobre as casas grandes e as agroindústrias visitadas foram obtidas a partir das entrevistas e observações pessoais realizadas ao longo do desenvolvimento do trabalho. Fruto de interpretações com fundamentação bibliográfica e respaldo legal nas Leis e Normas para Empresas e Serviços da Área de Alimentos e Bebidas Alcoólicas, definidas pelos órgãos governamentais competentes como Ministério da Saúde, Ministério da Agricultura e do Abastecimento, Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo, assim como as Secretarias Estaduais da Saúde e da Agricultura.

Análise dos resultados

Os antigos engenhos de taipa com cobertura de palha deram lugar aos enormes edifícios de alvenaria, responsáveis pela economia da região. Os engenhos são exemplares, que testificam as técnicas de ocupação territorial da colônia, em especial as técnicas construtivas, que podem ser assim inventariadas.

A localização dos engenhos na zona rural do município de Areia-PB, deu-se em função das potencialidades regionais para as atividades agrícolas a que estão associadas essas construções, tendo em vista o clima adequado para a cultura da cana-de-açúcar.

Quanto ao tipo de engenho, tem-se a predominância de moenda movida a motores elétricos, como exceção apresenta-se o Engenho Vaca de Baixo que se mantém a vapor, um diferencial da unidade produtora na região.

As atividades desenvolvidas são de cunho comercial e residencial, ficando desta última excluídos os engenhos de Vaca Brava de Cima e Bela Vista, cujos proprietários vivem em centros urbanos.

A cultura da cana-de-açúcar no município de Areia-PB, por várias razões, que não serão abordadas aqui uma vez que não é foco do estudo, sofreu declínio econômico acentuado nas últimas décadas. Os engenhos, em sua maioria, apesar de serem ambientes de residência para os proprietários, estão despovoados com o êxodo rural, e muitos deles em processo de degradação.

Constatou-se que apenas os engenhos Mineiro e Bela Vista têm a produção limitada a um tipo de artigo, sendo respectivamente rapadura e cachaça, enquanto que os demais produzem ambos, estando os engenhos de Vaca Brava de Baixo, Vaca Brava de Cima, e Mineiro, com a fabricação de rapadura paralisada devido ao custo de fabricação e baixo valor de venda.

Do ponto de vista arquitetônico, os conjuntos edificadas dessas fazendas eram constituídos de casa-grande, senzala, capela, e a casa de engenho propriamente dita (fábrica ou moita), que varia-

ram no tempo, com edificações complementares tipo currais, oficinas e depósitos, como menciona Carvalho (2005).

Quanto à tipologia arquitetônica, os engenhos receberam influência do tipo de habitação muito utilizado pelos primeiros habitantes do Brejo Paraibano, as grandes cobertas, que serviam de abrigo aos índios resguardando-os das intempéries da natureza, como também, a influência da cultura europeia na arquitetura conforme Lemos (1989). O autor defende ainda que o ato de morar é antes de tudo uma manifestação de caráter cultural, enquanto as técnicas construtivas e os materiais variam com o progresso, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade.

Nesta região constatou-se também que o padrão arquitetônico das construções dos engenhos foi reduzido a expressões mais simples - caracterizada pela exiguidade de meios econômicos, limitada pela falta de materiais de construção refinados e de mão de obra habilitada. Azevedo (2009) afirma que os materiais de construções utilizados nos prédios da fábrica dos engenhos foram os mesmos por quatro séculos, devido à ausência de opções. Desta forma, a aparência é importante, uma vez que o entorno e as características arquitetônicas podem revelar, à primeira vista, aspectos relevantes da vida de seus moradores.

Presentes desde os primórdios da civilização estão as casas-grandes, exemplares do patrimônio construído, elemento organizador da sociedade, núcleo de dominação social e de testemunhos da cultura do meio rural, da economia e da política, apoiados nas relações de trabalho escravistas e semifeudais, na estrutura latifundiária e na monocultura de cana-de-açúcar.

O conjunto arquitetônico do Engenho Bujari é composto por duas casas-grandes que ocupam, ambas, posição de domínio, em torno das quais se agrupam as demais dependências, o terreiro, o curral, os armazéns e as instalações do engenho propriamente dito. A existência de duas casas-grandes na mesma propriedade, de épocas diferentes, permite analisar a importância econômica, sobre a arquitetura dos engenhos especificamente destas casas.

Observou-se que das edificações dos engenhos que ainda se conservam de pé, poucas são as que mantêm o uso original. Os diversos ciclos econômicos do município acarretaram, seja a falência dos engenhos, seja a sua transformação em estabelecimentos dedicados à pecuária. Com a mudança de utilização modificaram-se também as necessidades de instalações e, na maioria das vezes, dos primitivos conjuntos apenas a casa-grande continua com sua função inalterada.

Buscando uma retratação do passado, o dono do Engenho Bujari, procura mantê-lo como museu, para resgate dos primeiros layouts da agroindústria da rapadura, a Figura 1 apresenta as duas casas da propriedade Bujari, e o piso conservado na residência principal, para o prédio mais antigo tem o projeto de transformação em museu e cachaçaria, em andamento.

Podem-se observar no estilo arquitetônico colonial elementos art-decô que por sua vez foi um movimento que se valia de linhas retas ou esféricas, figuras geométricas e desenho de natureza abstrata, estes remanescem na decoração de interiores e no ramo da edificação, bem como em outras esferas da produção. A casa-grande do Engenho Vaca Brava de Baixo se mantém quase inalterada, com características coloniais. Esse conjunto arquitetônico merece destaque por sua representação histórica dos vários momentos econômicos vividos na propriedade.

De traço peculiar à arquitetura rural dos engenhos brejeiros, a casa grande do Engenho da Várzea está construída em uma parte mais elevada que o engenho. A princípio era apenas uma edícula, depois foi construída mais uma ao lado, seguindo os mesmos traços arquitetônicos da fachada. No início do século passado foi feita a terceira casa, completando sua estrutura atual.

Figura 1. Casas do Engenho Bujari e piso conservado

Fonte: Guardia, 2012

Observa-se que, em relação ao estilo arquitetônico, a casa-grande do Engenho Vaca Brava de Cima apresenta fachada eclética, conservando traços coloniais, iluminação e aeração.

No novo contexto da economia, mercados e as ações de controle sanitário na área de alimentos, os engenhos são enquadrados como agroindústria alimentícia e, portanto, precisam se adequar às exigências normativas e recomendações da ANVISA, quando das intervenções para adaptação do ambiente construído e instalações dos mesmos. Com o intuito de abranger um mercado consumidor para seus produtos, vão aos poucos ocorrendo intervenções, que sem um planejamento com qualidade, do sítio arquitetônico como um todo, chega a descaracterizar o ambiente rural, sendo as instalações geralmente adaptadas às edificações existentes.

Os engenhos analisados possuem ambientes fechados e abertos, dos quais as áreas de recepção, filtração e decantação são ambientes abertos, cobertos com telhas de cerâmica, paredes com reboco rústico e, em menor número, revestidas com cerâmicas.

O Engenho Bujari tem área de elaboração da rapadura, área de batida do melado, enformamento da massa, secagem, desenformamento e embalagem separadas das etapas anteriores, permitindo melhores condições higiênico-sanitárias, adaptadas às instalações do engenho, em ambiente fechado, com iluminação e ventilação natural, protegido por tela, como recomendado pela ANVISA. Na Figura 2 é possível observar as adaptações nas áreas de produção.

Figura 2. Adaptações nas áreas de produção

Fonte: Guardia, 2012

A área de fermentação do Engenho Bujari não tem janelas, existindo apenas aberturas com telas, pois o oxigênio é importante na fase de preparo do fermento, quando há a necessidade de intensa aeração. A área de destilação do Engenho Bujari, encontra-se em edificação nova, com características coloniais. Localizado em ambiente rústico e simples, a câmara de combustão é um confinado onde se realiza a combustão do bagaço.

No Engenho Vaca Brava de Baixo não existe separação, por meio físico, entre as diferentes atividades da produção de rapadura. Quanto à área de produção de cachaça, existe separação entre as diferentes atividades da produção, a área de fermentação não tem janelas, são apenas aberturas com telas. A área de lavagem das garrafas, engarrafamento e rotulagem se desenvolve em ambiente fechado.

Não existe separação física entre as diferentes atividades da produção de rapadura no Engenho Vaca Brava de Cima. A área de fermentação e destilação de cachaça tem janelas de madeira. Não há área de lavagem das garrafas, engarrafamento e rotulagem.

O Engenho Bela Vista possui instalações modernas e dentro das atuais exigências da ANVISA, com separação física entre as diferentes atividades da produção de cachaça. Quanto às instalações físicas, possui ambiente aberto nas áreas de recepção e moagem, e fechado nos demais ambientes.

Agroturismo nos engenhos do município de Areia (PB)

O turismo é uma das maiores atividades econômicas do mundo, gerando emprego e Produto Interno Bruto, para Cooper et al. (2001) a atividade é responsável por 11% PIB nos principais centros de turismo. Neste contexto, o agroturismo surge como amálgama de interesses que emergem de preocupações de ordem ambiental, econômica e social.

O tombamento da cidade de Areia-PB como patrimônio histórico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ocorrido no mês de agosto de 2005, tornou o município a primeira cidade a ser totalmente tombada no Estado da Paraíba.

Situada a quase mil metros de altitude e em uma região com muito verde por sua condição climática e temperatura amena, Areia guarda um dos mais bem preservados casarios do interior do Nordeste. Com relevo acidentado e repleto de vales e serras, revela ainda ser possuidora de atributos naturais, onde surgem os engenhos que produzem rapadura e cachaça.

A zona rural de Areia é um resumo do que a microrregião do Brejo Paraibano pode oferecer em termos de turismo rural e agroturismo, uma vez que possui recepção em propriedades produtivas e não produtivas. Os engenhos, juntamente com os elementos de ordem cultural, constituem grandes atrativos, uma espécie de mergulho na história do Estado, além do artesanato, trilhas, cachoeiras e rios que desenham a paisagem de serras e vales, tornando o lugar adequado para prática dos esportes radicais e de aventura como trekking, mountain bike, rafting e outros. As matas da região escondem ainda quedas d'água que podem ser acessadas depois de caminhadas, por quem gosta de sossego e aventura.

Desta forma, destacam-se as atividades relacionadas ao agroturismo como estratégias de diversificação produtiva das propriedades rurais, no intuito de gerar rendas não agrícolas como alternativa de incremento da rentabilidade dos seus negócios tradicionais, sendo as atividades internas da propriedade, em seu cotidiano, atração para o visitante (Silva, 1998).

Dentro desta perspectiva constataram-se as potencialidades turísticas dos engenhos analisados. Como atrativo turístico surge a agroindústria da rapadura e cachaça, que face às exigências e normas da ANVISA, incorporou novas tecnologias, assim como adaptações nas edificações, provocando algumas perdas das características rústicas. A maioria, no entanto, ainda trabalha de maneira artesanal, constituindo assim um tipo de museu em atividade.

O Programa de Desenvolvimento do Turismo no Estado da Paraíba, (PBTUR, 2004) tem suas ações direcionadas para a organização e a estruturação de processos de desenvolvimento integrado e sustentável nos âmbitos setorial, local e microrregional, propiciando uma economia competitiva, a elevação do capital social e humano e um modelo de gestão compartilhada.

Neste contexto, o aproveitamento das construções rurais, tradicionais engenhos desta região, para atividades associadas ao turismo é uma alternativa potencial que traz possibilidades de uso e revitalização da atividade econômica a que está associado este tipo de construção, favorecendo a expansão da conservação e propiciando benefícios locais, seja empregando os habitantes locais na indústria do turismo, como na agroindústria que o sustenta.

Alguns engenhos como o Bujari recebe e faz visitas guiadas nas instalações e na produção diária, já o engenho Mineiro tem sua estrutura conservada e possibilita ao visitante conhecer o processo e ter uma ideia de como se dava a produção no passado, uma vez que a moagem na propriedade é limitada. Quanto aos engenhos Vaca Brava de Cima, Vaca Brava de Baixo e Bela Vista as visitas são agendadas e possuem uma roteirização na área de fabrico, possibilitando a observação da influência e cuidados com a segurança alimentar. O Engenho da Várzea, Museu da Rapadura, guarda os traços originais de sua construção, datada de meados do século XIX, possibilita conhecer cada processo do trabalho artesanal, desde uma a velha almanjarra, movida pela força dos escravos, como pode ser visto na Figura 3 casa grande do engenho da Várzea e almanjarra na área de produção.

Figura 3. Engenho da Várzea Almanjarra e Casa Grande



Fonte: Guardia, 2012

O patrimônio arquitetônico dos engenhos, que também faz parte do legado cultural, é a forma edificada de identidade de um povo, com características próprias, onde suas chaminés surgem espontaneamente e já estão integradas à paisagem local.

Os engenhos são construções originais e partícipes da paisagem do município de Areia-PB, e assim superam o aspecto negativo que têm as construções das instalações voltadas para o agroturismo, de serem grosseiras interferências na paisagem.

O aproveitamento das várias edificações, atualmente sem utilização nos engenhos, é de grande importância para a conservação das características arquitetônicas, como também o resgate da vida em comunidade destes engenhos, onde o turista possa acompanhar e participar ativamente de todos os afazeres rurais, dentre outras atividades, sendo assim roteiro certo para quem procura história e contato com comunidades rurais.

Os demais engenhos, por estarem em atividade, podem mostrar tudo isso, cada qual com suas especificidades, com a vantagem do turista poder observar a execução das atividades de forma natural e cotidiana, assim preservando uma atividade que faz parte de nossa história rural, incentivando a valorização dos mesmos através da divulgação e demonstração do seu enquadramento e funcionamento na vida econômica, social e cultural do meio onde se integram.

Considerações finais

Os engenhos foram edificados com recursos e tecnologias de construção tradicionais, utilizando materiais originários da região onde se localizam; as construções antigas apresentam morfologia arquitetônica própria, em estilo colonial e características da atividade a que se destinavam. Houve transformações ao longo dos tempos nas construções antigas de estilo colonial, isso, porém, apenas em alguns engenhos.

As principais transformações, observadas nas construções antigas, ocorreram principalmente no sistema construtivo de estruturas. A maioria das construções, nos engenhos, tem pouca ou nenhuma utilização no âmbito da finalidade para que foram construídas, ficam votadas ao abandono, com a conseqüente ruína e degradação das suas estruturas construtivas, podendo levar os engenhos a um possível desaparecimento.

Os engenhos foram perdendo sua hegemonia econômica e representam um sítio arquitetônico de caráter extraordinário e estimado valor, elementos fundamentais para a retratação de um passado que pode ser valorizado, assim como o município sede patrimônio histórico e cultura.

Observou-se, ainda, que ocorreu descaracterização do estilo arquitetônico, com perda da rusticidade em determinados engenhos, devido à adaptabilidade em alguns casos devido às exigências normativas da ANVISA.

Os engenhos possuem potencialidades como patrimônio arquitetônico e belezas naturais, que por sua vez podem dar suporte à exploração do agroturismo na região, o que permite uma possibilidade de desenvolvimento da atividade.

Tendo em vista a impossibilidade de ampliar o estudo não foi possível fazer um diagnóstico dos municípios do entorno de Areia, que por estarem na microrregião do Brejo Paraibano sabe-se que possuem um acervo de engenhos que precisam ser identificados e estudados sob a ótica da exploração da atividade turística.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**. 2ed. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1980
- ALMEIDA, Joaquim Anécio. **Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia**. Brasília, MEC/ ABEAS, 1989.
- ALMEIDA, Antonio Augusto de. **Brejo Paraibano: contribuição para o inventário do patrimônio cultural**. Antonio Augusto de Almeida – João Pessoa. Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Produção Gráfica, 1994.
- ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. Arquitetura agrícola dentro do contexto das construções rurais. In FREIRE, W.J. & BERALDO, A. L. **Materiais alternativos e tecnologias apropriadas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003a.
- BARBOSA, J.L. A. **Cultura de engenho de cana na paraíba: por uma sociologia da cachaça**. 2010. 187 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2010.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Elementos para o Debate Acerca do Conceito de Turismo Rural. **Turismo em Análise**. V. 21, p-3-24, n. 1, 2010
- CARVALHO, Juliano. **Engenhos do Rio Paraíba: a destruição antes do conhecimento**. Faculdade de Arquitetura. UFPB, 2005.
- FERNANDES, Ivan Pereira; COELHO, Marcio Ferreira. **Economia do Turismo**. São Paulo: Campus, 2002
- FUENTES, J.M.; GALLEGO, E. A.I. GARCÍA, F. Ayugaa. **New uses for old traditional farm buildings: The case of the underground wine cellars in Spain**. Land Use Policy. V.27, p. 738–748, 2010
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GRAZIANO DA SILVA, José; VILARINHO, Carlyle; DALE, Paul J. Turismo em Áreas Rurais: Suas possibilidades e limitações no Brasil. In: **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria: UFSM, 1998.
- GUARDIA, Mabel; ALVES, Antonia M.; FURTADO, Dermeval. O turismo rural como objeto de estudo na pós-graduação em turismo: o estado da arte. **Passos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. V.10,N.1-p.159-165, 2012.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo para uma nova compreensão do Lazer e das Viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1989.
- LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.
- LINDBERG, Kreg e HAWKINGS, Donald E. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995.
- LUSSY, Cuno Roberto M. **A Arquitetura Rural de Cuno Roberto M. Lussy**. Viçosa: UFV Impr. Univ, 1993.
- MACHADO, Marcello de Barros Tomé. As etapas evolutivas do turismo: um estudo sobre o rio de janeiro (SÉCULOS XVIII-XX). **Revista de Cultura e Turismo**. Ano 7, V. 1,p-105-127, 2013.
- MIA – Manual de Impactos Ambientais: **Orientações básicas sobre aspectos ambientais de atividades produtivas/Banco do Nordeste**; equipe de elaboração Marilza do Carmo Oliveira Dias (coordenadora), Mauri Cezar Barbosa Pereira, Pedro Luiz Fuentes Dias e Jair Fernandes Virgilio. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999.

OLIVEIRA, Carla Mari S. Em Torno do Uso Turístico do Patrimônio Histórico: o Caso da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre (Cabedelo – PB). Veredas- **Revista Científica de Turismo**. Ano I No. 1, 2002,

OLIVEIRA SOBRINHO, Reinaldo de. **Terras de Massapé. Um Estudo sobre a civilização do açúcar na Paraíba**. 2ed. 1986. Da União Brasileira de Escritores do Instituto Histórico Geográfico Paraibano e do Instituto de Genealogia e Heráldica da Paraíba.

RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. (org) **Turismo e Geografia / Reflexões teórica e enfoques regionais**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

SIMONSEN, Roberto. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1937.

TELLES Augusto C. da Silva; PINTO, Estevão; CARDOSO, Joaquim; COSTA, Lúcio; VASCONCELLOS, Silvio de. **Arquitetura Civil II**. São Paulo: FAUUSP e MEC – IPHAN, 1975. Textos escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2.